

## Pesquisa bíblica na Ciência da Religião: métodos e possibilidades

### Biblical Research in the Science of Religion: methods and possibilities

Elisa Rodrigues<sup>1</sup>

Daniel Salomão<sup>2</sup>

Matheus Carmo<sup>3</sup>

**Resumo:** A História das Religiões, enquanto um dos fundamentos da Ciência da Religião, partiu da histórica eclesial e dos estudos bíblicos para se constituir como disciplina diversificada em abordagens e perspectivas de análise, especialmente no século XIX. Considerando a consolidação do campo de estudos da religião no Brasil, parece-nos importante um olhar que reconheça essa trajetória e seus desdobramentos na atualidade, visto que o legado da abordagem histórico-crítica da literatura bíblica está na base de outras abordagens mais recentes, ainda que com limitações reconhecidas. Dentre o conjunto de abordagens que vieram após o método histórico-crítico, destacam-se o método de exegese indiciário e a análise narrativa. O primeiro busca por meio da análise dos indícios presentes no texto pesquisado chegar ao entendimento das intenções históricas, sociais, ideológicas e religiosas do(a) autor(a) do texto no momento em que ele foi escrito. A análise narrativa, por sua vez, se orienta prioritariamente pelo(a) leitor(a), considera o efeito da narrativa sobre ele(ela) e a maneira como o texto o(a) faz cooperar no deciframento do sentido. O objetivo desse texto é descrever a aplicabilidade desses métodos e sua importância em meio às pesquisas bíblicas atuais.

**Palavras-chave:** Pesquisa bíblica. Análise narrativa. Método de exegese indiciária. Bíblia Hebraica. Novo Testamento.

---

<sup>1</sup> Professora do quadro permanente do Departamento de Ciência da Religião (Graduação e Pós-Graduação, UFJF). Ocupa a cadeira Religião e Educação. Graduada em Sociologia e Política (FESPSP) e Teologia, com Especialização em Ensino Religioso (FTBSP). Mestre e Doutora em Ciências da Religião (UMESP). Doutora em Ciências Sociais, linha Cultura e Política (UNICAMP). Pesquisa temas relacionados à religião, especialmente, Ciência da Religião (Epistemologia e Educação), (Neo)Pentecostaismos, Religião e Espaço Público, Secularismo, Religião-identidade-cultura e Hermenêutica de Textos Sagrados (Cristianismos das Origens).

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (UFJF). Mestre em Ciência da Religião e Engenharia Elétrica pela mesma universidade, é graduado em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Militar de Engenharia (IME), bacharel em Ciência da Religião e em Ciências Humanas pela UFJF. Pesquisa temas relacionados aos Cristianismos das Origens, Novo Testamento e Espiritismo.

<sup>3</sup> Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (UFJF). Possui mestrado em História e mestrado em Ciência da Religião, ambos pela UFJF. Graduou-se em História e especializou-se em Ciência da Religião pela mesma instituição, estando atualmente matriculado no bacharelado na área. Além disso, possui especialização em História Antiga e Medieval (UERJ). Integra o Grupo de Pesquisa de Arqueologia do Antigo Oriente Próximo (AAOP), ligado ao Programa de Pós-Graduação (UMESP), e também o Grupo de Pesquisa e Estudos em História Antiga e Medieval (GEPHAM), vinculado ao departamento de História da UFJF. Seu foco de pesquisa está nas interseções entre História e Ciência da Religião, com ênfase em História Antiga Oriental, especialmente no estudo da antiguidade de Israel e Judá durante o período monárquico. Ademais, dedica-se ao estudo das religiões do Antigo Oriente Próximo e a temas relacionados à Bíblia Hebraica e à historiografia deuteronomista.

**Abstract:** The History of Religions, as one of the foundations of the Science of Religion, departed from ecclesiastical history and biblical studies to become a diverse discipline in approaches and analytical perspectives, especially in the 19th century. Considering the consolidation of the field of religious studies in Brazil, it seems important to us to take a look that recognizes this trajectory and its developments today, given that the legacy of the historical-critical approach to biblical literature is the basis of other more recent approaches, even which limitations are considered. Among the set of approaches that emerged after the historical-critical method, the method of evidentiary exegesis and narrative analysis stand out. The first seeks, through the analysis of the promises present in the researched text, to understand the historical, social, ideological and religious concerns of the author of the text at the time it was written. Narrative analysis, in turn, is primarily guided by the reader, considering the effect of the narrative on him and the way in which the text makes him cooperate in deciphering the meaning. The objective of this text is to describe the applicability of these methods and their importance in current biblical research.

**Keywords:** Biblical research. Narrative analysis. Method of evidentiary exegesis. Hebrew Bible. New Testament.

## Introdução

A Ciência da Religião é uma área do conhecimento das Ciências Humanas cujo principal objeto de estudo é a religião. Diferentemente de outras áreas, como a Teologia, que analisa a religião a partir de uma tradição religiosa específica, a Ciência da Religião busca ser “neutra e sem axiomas de valor; fundada na análise, verificação, comparação, reflexão autônoma e, se possível, na procura de resultados úteis à comunidade universal, e não a um grupo específico” (Júnior; Portella, 2012, p.441). Assim, a pesquisa conduzida pelos profissionais da Ciência da Religião não visa comprovar, favorável ou desfavoravelmente, a existência de divindades ou a veracidade espiritual de tradições religiosas ou textos sagrados, mas sim analisar academicamente os discursos religiosos e os temas relacionados, direta ou indiretamente, à religião, com o intuito de promover um melhor entendimento desses fenômenos, bem como dos grupos sociais e políticos a eles associados.

Dessa maneira, o(a) cientista da religião não estuda o sagrado em si, mas os discursos construídos em torno daqueles que acreditam, ou não, em sua existência, bem como seus usos políticos e sociais: “O diferencial de uma Ciência da Religião está justamente em (tentar) buscar uma visão holística que perceba *a religião como fenômeno humano multifacetado*” (Júnior; Portella, 2012, p.442, grifo nosso). Todavia, a partir desses pressupostos, é possível estudar produtivamente os textos bíblicos na Ciência da Religião? Como poderíamos abordá-los de forma a não repetir apenas as conclusões da

Teologia ou da própria história interpretativa vinculada às tradições religiosas? Essas são as questões que motivam esse artigo.

Um dos tópicos fundamentais que constituem a religião, especialmente as chamadas “religiões abraâmicas” – Cristianismo, Islamismo e Judaísmo<sup>4</sup> –, são os textos sagrados, que podem ser definidos como “portadores da revelação [...], como o registro das verdades acerca do mundo divino que não seriam conhecidas se não tivessem sido comunicadas pelos seres espirituais” (Dietrich; Silva, 2021, p.631). Em suas escrituras, essas religiões acreditam estar toda, ou ao menos uma parte considerável, da revelação divina à humanidade. O teor dessas narrativas sacras é mítico, pois trata de temas como deuses, anjos, demônios, paraíso e redenção – elementos que escapam à análise científica contemporânea. Mesmo que os textos sagrados contenham algumas referências a eventos históricos, seu objetivo formativo não era a informação histórica dos acontecimentos, mas sim teológico e mítico, por meio do registro da crença dos povos que os produziram: “As escrituras bíblicas, como as escrituras de todas as religiões, são textos de caráter narrativo, poético e simbólico, tomados por metáforas, próximos à estrutura mítica, fundamentalmente polissêmicos e permitindo infinitas releituras” (Higuet, 2012, p.361, grifo nosso).

A primeira coisa a se dizer quando o assunto é pesquisa bíblica é que o impulso que permitiu a abordagem do texto bíblico não como texto de fé, mas como fonte relativa a um período, teve uma motivação ética: resguardar a relevância dessa literatura para as sociedades modernas, desde a investigação daquilo que fez sentido para grupos sociais anteriores às revoluções burguesas. Havia certa preocupação de quem estudava Bíblia em assegurar que esse texto poderia ser interessante para as sociedades modernas, por isso, o movimento de desmitologizá-lo não tinha a intenção de deslegitimá-lo, mas de garantir-lhe a importância mesmo que despido de seu caráter misterioso.

---

<sup>4</sup>Não apenas as tradições religiosas mencionadas atribuem grande importância aos textos sagrados, mas há também outras que valorizam o conteúdo de seus escritos religiosos. A seguir, apresentamos alguns exemplos: o Budismo tem o Suttapitaka (ou cesto de Suttas); o Confucionismo, os Analectos; o Hinduísmo, os Vedas; e o Taoísmo, o Tao Te Ching (Silva; Ulrich, 2023, p.64-66). O estudo desses textos pode auxiliar o cientista da religião a entender a teologia interna de cada tradição que ele estuda. Dessa forma, o exame dos textos sagrados oferece ao pesquisador uma oportunidade única de compreender a estruturação do pensamento religioso e a organização interna das tradições que possuem esses textos como parte central de sua doutrina, o que também pode ser uma outra forma de utilização dos textos sagrados nas pesquisas efetuadas pelos cientistas da religião.

Retomar esse ponto é importante, porque nos permite introduzir algo da peculiaridade das abordagens da literatura chamada bíblica e dos materiais que orbitam em torno dela. Depois de descobertos materiais apócrifos e pseudoepígrafos no início do século XIX, a pesquisa bíblica ampliou seu horizonte de observação ao ponto de buscar focalizar recorrências, rupturas, continuidades e intersecções entre judaísmo e cristianismo, tanto a partir do Império Romano e do helenismo, quanto da difusão e das possíveis trocas simbólicas entre culturas do povo de Israel, Judá e as civilizações mediterrâneas vizinhas. E, diante da grandeza desse material e do volume de informações que a pesquisa passou a obter, a Crítica das Fontes, como metodologia que visava compreender as motivações e os contextos próprios de redação de cada texto canônico, encarou o desafio de pensar o judaísmo e o cristianismo originários como religiões elas mesmas misturadas. Daí a necessidade de ampliar o repertório de investigação tão marcado pelo método histórico-crítico.

Na sociedade brasileira, marcada por uma formação histórica predominantemente cristã, a Bíblia tem grande importância na cultura religiosa e acadêmica. Ao longo da História do Cristianismo, o texto bíblico tem sido entendido pela maioria dos cristãos como a revelação perfeita de Deus à humanidade, com o Antigo Testamento/Bíblia Hebraica sendo visto como o prenúncio da vinda de Cristo, e o Novo Testamento como o relato da ação salvífica de Deus por meio de Jesus. A partir da Bíblia e, naturalmente, de escolhas hermenêuticas, desenvolveu-se toda a teologia dogmática cristã.

Além disso, a Bíblia é frequentemente usada por diversas tradições religiosas cristãs como fundamento para legitimar determinadas condutas morais, para críticas ou valorização de alguns comportamentos, bem como uma ferramenta de profecia e revelação. A profecia geralmente ocorre de forma particular, ou coletiva, quando um líder religioso utiliza versículos bíblicos para profetizar alguns aspectos da vida de um fiel. O caráter revelatório do texto bíblico é evidenciado quando suas passagens são interpretadas como previsões de eventos passados ou atuais, sugerindo que tais episódios estariam preparando acontecimentos determinados, especialmente, o retorno de Jesus. Tais propostas hermenêuticas estão além do texto, pois usam narrativas antigas em contextos contemporâneos sem as devidas contextualizações e ambientações. Isso representa uma

perda considerável no sentido primevo do texto bíblico<sup>5</sup>. Mas, como dito, a característica polissêmica das narrativas bíblicas permite tais interpretações e o(a) cientista da religião deve estar atento(a) a isso.

Contudo, dada a centralidade do texto bíblico para as tradições religiosas cristãs, seu estudo permaneceu por muitos anos restrito aos seminários. Embora seja necessário reconhecer que algumas escolas teológicas, tanto católicas quanto protestantes, fossem críticas e contribuíssem significativamente para o avanço das pesquisas bíblicas, a maioria dos seminários ensinava o conteúdo bíblico segundo a forma da doutrina das escolas de origem. Nesse sentido, secundário era o estudo bíblico a partir das suas línguas originais, razão pela qual o estudo do hebraico, assim como do grego koiné, era reservado apenas aos eclesiásticos das cátedras.

Diferente disso, a Ciência da Religião se interessa em estudar de forma acadêmica a religião e seus aspectos. Por isso, seu interesse na exegese e, sobretudo, nos estudos das línguas originais possibilitados pela filologia. Sem dúvida, destaca-se nessa iniciativa o alemão Friedrich Max Müller, que, já em meados do século XIX, desenvolveu grande pesquisa em torno de textos religiosos orientais. Além de já acreditar em uma investigação da religião que busca certa imparcialidade e postura científica, sua preocupação filológica e sua proposta comparativa antecipou importantes metodologias da historiografia acadêmica e das ciências sociais em geral, logo abriu portas às abordagens que destacamos nesse texto (Da Mata, 2010, p.58-59).

---

<sup>5</sup>A interpretação do texto bíblico como profecias de eventos passados ou contemporâneos não é uma ideia nova. Desde o século I a.C., já existia uma corrente interpretativa na comunidade de Qumran, conhecida como *peshet* (decifradora ou decifratória) (Armstrong, 2007, p.28). Segundo essa proposta exegética, os textos do Antigo Testamento continham mensagens e profecias direcionadas à realidade contemporânea. Os cristãos também utilizaram essa abordagem, especialmente ao analisarem o Antigo Testamento, não sob a perspectiva de seu sentido histórico ou literário, mas buscando referências diretas a Jesus. Segundo Armstrong (2007, p.40-42), “os outros escritores do Novo Testamento iriam desenvolver esse *peshet* e tornar muito difícil para os cristãos ver a Escritura judaica como algo mais que um prelúdio do cristianismo. (...) A exegese *peshet* dos cristãos foi tão meticulosa que não há praticamente versículo algum no Novo Testamento que não se refira às Escrituras mais antigas”. Na pesquisa acadêmica da Bíblia, se considerarmos apenas o aspecto da interpretação dos textos, haverá uma perda substancial do entendimento do conteúdo histórico e contextual. Apesar do estudo da forma como os textos sagrados foram interpretados pelas tradições religiosas também pode ser feito pelo cientista da religião, recomenda-se que tomemos como ponto de partida o ambiente histórico.

Dessa forma, qual seriam as abordagens apropriadas para o(a) cientista da religião analisar o texto bíblico?<sup>6</sup> Segundo Higuete (2012, p.361), basicamente, o(a) cientista da religião pode analisar um texto sagrado de quatro formas diferentes:

os textos considerados neles mesmos, enquanto grandezas estabelecidas; os textos como testemunhas e resultantes de processos históricos e religiosos do passado; os textos como portadores de inúmeras possibilidades interpretativas, que, por sua vez, poderão revelar facetas importantes dos processos históricos vividos pelas diversas tradições religiosas e no âmbito delas” (Vasconcellos, 2012, p.136); e os textos lidos na perspectiva do leitor, na chamada estética da recepção, no seio dos horizontes de expectativas de autores, editores e, sobretudo, leitores.

Nessa direção, apresentamos nos tópicos seguintes duas abordagens que entendemos como complementares: a primeira, derivada dos métodos histórico-críticos e centralizada no autor, e a segunda, a partir dos métodos literários, com centralidade no efeito da narrativa sobre o leitor visado por este autor. Dialogando com a perspectiva de Higuete, a primeira abordagem compreende “os textos como testemunhas e resultantes de processos históricos e religiosos do passado”, enquanto a segunda agrega a isso a leitura dos “textos considerados neles mesmos, enquanto grandezas estabelecidas”.

### **O texto bíblico em seu contexto histórico**

A leitura histórica do texto tem a pretensão de auxiliar quem pesquisa a se aproximar do significado original do texto bíblico em seu contexto de produção. O

---

<sup>6</sup> Na produção científica da Ciência da Religião no Brasil, a pesquisa bíblica ocupa uma posição minoritária, uma vez que a maioria das teses e dissertações sobre a Bíblia está vinculada a programas de Pós-Graduação em Teologia. Consideramos que um possível motivo para esse cenário é o receio, por parte de alguns cientistas da religião, de que os estudos bíblicos possam atribuir um caráter confessional cristão à Ciência da Religião, transformando-a em uma forma de criptoteologia. No entanto, argumentamos que a Ciência da Religião pode estudar os textos sagrados, incluindo, mas não se limitando à Bíblia, de maneira crítica e laica. Um exemplo dessa abordagem é o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), que oferece uma linha de pesquisa intitulada "Literatura e Religião no Mundo Bíblico". Essa linha inclui disciplinas como "Estudos Literários da Bíblia Hebraica", "Exercícios Exegéticos" e "Estudos Literários do Cristianismo Primitivo", entre outras. Essas disciplinas fornecem uma base teórica sólida para o pesquisador que deseja estudar a Bíblia sob a perspectiva da Ciência da Religião, uma vez que não partem da Teologia Bíblica para conduzir suas investigações, mas o fazem “por meio de instrumental exegético-científico, das ciências da linguagem, das ciências sociais” (Higuete, 2012, p.350). É fundamental que a academia de Ciência da Religião no Brasil dê maior atenção à importância de formar cientistas da religião especializados na pesquisa dos textos bíblicos, já que esses textos constituem uma parte essencial de várias tradições religiosas presentes no Brasil e no mundo e também oferecem uma construção narrativa histórica significativa sobre a forma como grupos antigos de Israel e Judá, judaísmo, cristianismo primitivo, entre outros, entendiam o sagrado, e como já mencionado, é do interesse da Ciência da Religião o estudo das formas como diferentes grupos entendiam o sagrado.

enfoque histórico-analítico do texto bíblico pode se tornar um diferencial para acadêmicos(as) da Ciência da Religião dentro dos estudos bíblicos. Sob essa perspectiva epistemológica, o(a) cientista da religião não se basearia em questões externas ao texto bíblico, alheias ao horizonte da autoria original, mas na análise do texto em seu contexto, considerando os pressupostos vigentes quando foi escrito. A partir dessa base, o(a) pesquisador(a) poderia expandir sua análise a partir de outras perspectivas, como, por exemplo, investigando a forma (1) como a Bíblia foi interpretada por um determinado grupo religioso ao longo da história, (2) como leituras mais literárias das formas textuais foram realizadas ou até mesmo (3) como se deu a sua recepção na elaboração de respostas para as questões contemporâneas (por exemplo, a crítica social ao *status quo*).

Diferentemente de outras abordagens epistemológicas, a Ciência da Religião não considera o texto bíblico uma incontestável verdade de fé, mas sim uma fonte de pesquisa acadêmica como qualquer outra. Enquanto as tradições religiosas, de modo geral, partem do pressuposto de que seus escritos sagrados são irrefutáveis enquanto revelação e, portanto, verdades não completamente acessíveis ao escrutínio da razão, a Ciência da Religião aborda o conjunto desses textos considerando a sua inserção e a sua produção à luz de seus contextos históricos específicos. Assim, entende ser possível realizar uma análise mais atenta ao que se pretendia comunicar quando de sua elaboração e transmissão. Busca-se pelas influências históricas, sociais, culturais, dentre outras, o que o contexto em que estavam inseridos imprimiu no texto, pois “não há nenhum texto da Bíblia (...) que possa ser levantado fora de seus contextos sociais e formas literárias, *sem perda irreparável tanto de seu significado original como de sua potência para falar de maneira significativa para nós*” (Gottwald, 1988, p.421, grifo nosso).

Através da pesquisa histórica e exegética, o(a) cientista da religião tenta por meio de uma análise rigorosa reconstituir a experiência das personagens bíblicas a partir dos textos deixados, mas ciente de que entre o tempo da produção dos textos e o tempo presente existem lacunas que apenas nos permitem a formulação de hipóteses e de conjecturas.

### **Método histórico-crítico**

A história da leitura bíblica, desde a Antiguidade, tem sido marcada por aproximações e afastamentos da literalidade, bem como da alegoria, culminando, nos

últimos dois séculos, na convivência de uma postura crítica entre acadêmicos (Silva, 2022, p.17-26) com uma leitura religiosa plural entre os cristãos.

O método histórico-crítico, inicialmente, desenvolvido por Johann Semler (1725-1791) no século XVIII, foi um dos primeiros movimentos acadêmicos a propor uma análise não dogmática do texto bíblico. Semler acreditava que era central examinar o texto bíblico a partir de uma perspectiva histórica, desvinculada das interpretações religiosas, pois somente assim seria possível compreender plenamente os agentes responsáveis pela formação do texto. Como afirma Schmitt (2019, p.329): “Para esse autor [Semler], importa analisar e perscrutar o texto em seu significado histórico”.

Também na origem dos métodos histórico-críticos, enquanto escolas críticas de investigação das particularidades dos textos bíblicos, surgem a Crítica das Fontes e a Crítica das Formas. Tais escolas dedicaram-se à análise dos estágios que conformaram sua produção, especialmente dos evangelhos. Elas se preocupavam com a composição da literatura bíblica, buscando pelos estratos, pelas tradições e pelas evidências de outros materiais que pudessem ter sido acionados na composição do texto canonizado.<sup>7</sup> A investigação das fontes em perspectiva comparativa e compreensiva conduziu à identificação, por exemplo, de semelhanças na estrutura dos textos, no uso das palavras e na sequência das narrativas, as quais sugerem dependências e, talvez, o compartilhamento de fontes. Daí que as recorrências no uso de certos termos, bem como a preferência por outros de sentidos próximos, assim como interrupções abruptas nas narrativas, com construções não comuns e omissões de trechos, requerem verificação nas línguas originais, como nas estruturas textuais e nos estilos que variam quanto à forma ora mais descritiva, ora mais poética, ora em tom profético.

O método histórico-crítico concentra-se na análise do texto bíblico com ênfase em seu contexto histórico, defendendo que o momento da sua produção deve ser levado em consideração em qualquer análise teológica. Sem isso, haveria uma perda considerável do sentido da narrativa e o texto estaria propenso a manipulações do presente. Assim

---

<sup>7</sup> A palavra *cânon* é o empréstimo semítico de certo termo que, etimologicamente, (1) significa “junco”, passou a designar (2) “vara de medir” e, posteriormente, (3) “regra”, “padrão” ou “norma”. Num momento posterior passou a indicar “lista” ou “tabela”. Durante os séculos I-III da Era Cristã, o vocábulo se referiu especificamente ao conteúdo normativo doutrinário e ético da fé cristã. Já por volta do século IV, passou a designar a lista de livros que constituem Antigo e o Novo Testamentos. Atualmente este sentido é o mais comum: “coleção encerrada de documentos que constituem Escritura autorizada”. Cf. Bittencourt, B.P. *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993. (Publicado anteriormente pela ASTE, sob o título “O Novo Testamento: Cânon, Língua, Texto), p. 24.

sendo, as pessoas que produziram as tradições escritas passaram a receber maior atenção da pesquisa bíblica, visto que se pretendia recuperar aquilo que essas autorias teriam dito originalmente a partir do seu contexto (Volkmann; Dobberahn; César, 1992, p.29). Nesse sentido,

[O método histórico crítico é] um método histórico, em primeiro lugar, porque lida com fontes históricas que, no caso da Bíblia, datam de milênios anteriores à nossa era. Em segundo lugar, porque analisa estas mesmas fontes dentro de uma perspectiva de evolução histórica, procurando determinar os diversos estágios da sua formação e crescimento, até terem adquirido sua forma atual. E, em terceiro lugar, porque se interessa substancialmente pelas condições históricas que geraram estas fontes em seus diversos estágios evolutivos (Wegner, 1998, p.17).

Logo, o método histórico-crítico preocupa-se não apenas com o contexto, mas também com questões filológicas e textuais da narrativa, como autoria, datação, gênero literário, destinatário e ambiente produtor do texto (Schmitt, 2019, p.331). O método histórico-crítico foca nas questões inerentes ao texto que contribuem para uma compreensão mais profunda e precisa.

Dessa forma, sempre que possível, o(a) pesquisador(a) crítico da Bíblia deve se empenhar em aprender os idiomas originais dos textos bíblicos – hebraico, no caso do Antigo Testamento, e grego, para o Novo Testamento. Essa *expertise* confere para a pesquisa bíblica maior legitimidade, na medida que permite ao(à) pesquisador(a) um leque maior de conhecimento para observar as diferentes traduções disponíveis, compará-las e verificar quais delas seriam mais adequadas aos contextos específicos de origem dos textos bíblicos. Representa uma abordagem de grande valor para o(a) cientista da religião que, conforme mencionamos, aborda o texto bíblico analisando-o internamente (do ponto de vista do conteúdo) e externamente (do ponto de vista de seu contexto mais amplo).

Outro aspecto importante da pesquisa bíblica é a atenção ao seu contexto de produção. É fundamental distinguir entre o tempo da narrativa e o tempo do narrado. O tempo da narrativa refere-se ao momento histórico em que determinado texto foi escrito, bem como aos pressupostos políticos, sociais e religiosos que influenciaram a forma como essa narrativa foi composta. No entanto, no caso da Bíblia, raramente os textos falam explicitamente sobre o período em que foram escritos. Em vez disso, costumam abordar eventos passados, históricos ou não, que ocorreram séculos antes de seu registro

escrito. Esse conceito é conhecido como “tempo do narrado”, ou seja, o período em que supostamente ocorreram os eventos narrados pelo texto (Kessler, 2010, p.37-38).

Como afirma Carmo (2023, p. 82), “considerando essa distinção, podemos compreender que um determinado texto, escrito, por exemplo, no século VII a.C., revela muitas informações sobre o contexto histórico em que foi produzido, ainda que sua narrativa se refira a um período histórico anterior”. Além disso, a autoria, no momento da escrita, pode intencionalmente ter acrescentado detalhes sobre o período que descreve, com o propósito de exaltar ou depreciar certos eventos ou personagens. Cientistas da religião, ao analisar o texto, devem considerar essas questões para alcançarem uma melhor compreensão do texto, a partir de seu contexto histórico. Conquanto, por meio da tradição oral, seja possível encontrar vestígios do tempo narrado no texto, esses indícios são mínimos em comparação com as evidências do período em que o texto foi produzido.

Um exemplo da importância de se compreender a diferenciação entre o tempo da narrativa e o tempo do narrado pode ser observado na análise de Deuteronômio 6,4-5, passagem comumente conhecida como "Shema Israel". Nela, o povo de Israel é convocado a reconhecer que Iahweh, o seu Deus, é único, e a partir desse reconhecimento, deve amá-lo de todo o coração, alma e força, ou seja, com a totalidade de seu ser. O tempo do narrado remonta ao período mosaico. Contudo, as pesquisas históricas e exegéticas contemporâneas datam essa passagem no século VII a.C. (Römer, 2008; Smith, 2008). Nesse contexto histórico, o rei Josias promovia sua reforma religiosa, cujo objetivo era expurgar influências culturais assírias e cananeias, exaltando Iahweh como divindade suprema de Judá. Isso se reflete na passagem, onde o povo é convidado a reconhecer a unicidade de Iahweh e, por consequência, a rejeitar a adoração a outros deuses – aqui, observa-se uma tentativa de estabelecimento de uma monolatria, em vez de um monoteísmo pleno.

Embora o projeto de Josias visasse eliminar influências assírias, alguns elementos culturais assírios foram adotados por ele e seus aliados, como a exigência de obediência absoluta ao soberano, algo presente nos tratados de vassalagem assírios. Essa dinâmica pode ser percebida em Deuteronômio 6,4-5, onde a obediência já não é mais exigida pelo soberano assírio, mas por Iahweh. Ou seja, a subserviência dada aos assírios deveria ser, essa nova ordem, aplicada a Iahweh: “a relação contratual é transposta do rei assírio para o próprio Deus. Exige-se lealdade a ele, e não mais ao rei” (Smith, 2008, p. 489). Esse

exemplo evidencia a importância de interpretar a narrativa dentro de seu contexto histórico.

A proposta aqui apresentada apregoa que, ao analisar a Bíblia a partir da Ciência da Religião – ou seja, sem partir dos pressupostos da revelação divina ou da inerrância bíblica –, deve se ter plena consciência de que os textos bíblicos não “caíram do céu”. Foram produzidos em um contexto histórico, político, social e religioso muito específico e, somente ao se aproximar desse contexto, é possível obter uma compreensão mais profunda do sentido do texto.

### **Método de exegese histórico-social indiciário**

Além da preocupação com o contexto histórico do texto bíblico, o(a) cientista da religião deve se perguntar sobre os motivos e as razões que subjazem à produção do texto. Para tanto, a análise exegética constitui um estágio relevante da pesquisa.

Dentre as abordagens exegéticas possíveis, destaca-se a que tem sido chamada método histórico-social indiciário (Ribeiro, 2021), a qual investiga a literatura bíblica buscando compor um quadro geral de entendimento dos textos com a noção de *paradigma indiciário*, como propôs Ginzburg (2007). Logo, com base nos indícios, índices e traços peculiares à região, ao tempo, à economia, à linguagem, à geopolítica e aos processos de trocas e fluxos culturais presentes nos textos e nos intertextos.

Nesse sentido, a exegese baseada no paradigma indiciário olha para o texto e suas entrelinhas, tentando identificar não apenas o que diz o texto explicitamente, mas o tempo da escrita, as visões de mundo e ideologias a que as narrativas nos permitem ter acesso e que nem sempre estão evidentes.<sup>8</sup>

Em acordo com o proposto por Ginzburg, Ribeiro trabalha suas exegeses bíblicas a partir da noção de pistas de objetos ausentes e, a partir delas, constrói hipóteses de compreensão da literatura bíblica, sobretudo no que tange aos fatores históricos que geraram a produção dos textos a partir do seu contexto histórico: “A exegese histórico-

---

<sup>8</sup> O método de pesquisa indiciário foi elaborado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Segundo ele, o historiador, ao analisar sua documentação, deve atentar-se aos detalhes, também chamados de indícios, presentes no material, sem se limitar apenas aos dados centrais do texto. Assim como o caçador, que analisa as pistas deixadas pela presa para elaborar estratégias de captura: "o caçador teria sido o primeiro a 'narrar uma história', pois era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos" (Ginzburg, 2007, p.152).

social indiciária tem por função recuperar o sentido que teve determinada ação histórica. Determinada ação histórica é precisamente aquele ato de intervenção social que foi (...) produzir determinado texto para fins de intervenção social” (Ribeiro, 2021, p.762). A proposta do método indiciário consiste em analisar os indícios e pistas presentes no texto para buscar uma compreensão histórica do período em que foi produzido. A partir dessa análise, procura-se entender tanto os fatores contextuais que influenciaram sua criação quanto os motivos que levaram os autores a escrevê-lo. Assim, parte-se do texto para explorar o contexto histórico de sua produção e, a partir desse contexto, busca-se compreender as razões que levaram o autor a escrever, além de como esse contexto influenciou o texto.<sup>9</sup>

Nas palavras de Ribeiro (2021, p.747-748),

A exegese histórico-social indiciária lida com o texto (...) Mas ele [exegeta] não é, nesse momento, um historiador dos efeitos do texto, um semiólogo, um instrumentalizar – ele é um arqueólogo, alguém que tem a pretensão científica de ressuscitar um morto e colocá-lo a falar.

A exegese histórico-social indiciária, portanto, pergunta por aquilo que está por trás do que está dito no texto, pergunta pelo não-evidente, mas que é estruturante. Razão pela qual se entende a “pretensão científica de ressuscitar um morto” examinando os ossos, montando o esqueleto, tirando o pó de sobre os ossos como faz o arqueólogo. Isso porque, para Ribeiro (2021, p.752),

O autor teve a intenção de dizer alguma coisa e disse, e o fato de ter morrido não muda em absolutamente nada esse ponto. Isso que disse, ele escreveu, e, em tese, o que escreveu é o que queria ter dito. A narrativa é a projeção histórica da consciência expressa desse sujeito que escreve. O que o autor escreveu está agora nas mãos do intérprete, que deve aplicar ao texto que tem nas mãos as ferramentas histórico-críticas mais adequadas para assegurar-se da preservação do texto ou para facultar sua depuração, a partir do que deve empreender a análise meticulosa do tecido e das constituintes textuais, procurando

---

<sup>9</sup> Apesar de não ter sido abordado por Ribeiro em sua proposta exegética, as evidências materiais coletadas pela arqueologia são fundamentais para compreender o contexto histórico de produção dos textos, bem como as ideologias subjacentes à sua escrita. A partir desses dados arqueológicos, é possível esclarecer informações fragmentadas ou incompletas presentes nos textos bíblicos, enriquecendo nossa compreensão tanto do conteúdo quanto do contexto em que foram produzidos: “o uso hábil de ambos [Bíblia e Arqueologia] pode levar a uma avaliação equilibrada da realidade antiga” (Na’aman, 2010, p.183). Nesse sentido, a faceta interdisciplinar da Ciência da Religião pode atuar como um fator integrador, possibilitando a articulação de pesquisas exegéticas, históricas e arqueológicas. Bom exemplo desse intercâmbio é o texto de Rodrigues e Nunes (2019), em que uma abordagem sócio-histórica se volta à arte paleocristã.

ativamente indícios que apontem para um ponto retórico a partir do qual a narrativa possa reverter-se na fala em que originalmente se constituiu.

As pessoas que produziram os textos bíblicos já não estão vivas e, portanto, não podem mais testemunhar diretamente sobre suas intenções ao escreverem seus textos. No entanto, podemos nos aproximar de seus objetivos por meio dos indícios, diretos ou indiretos, com a finalidade de acessar a mensagem que os(as) autores deixaram em seus escritos.

Embora não sejam essas as únicas abordagens possíveis para o tratamento dos textos bíblicos, essas metodologias histórico-críticas fornecem uma compreensão enriquecedora para pesquisas acadêmicas e laicas, que tomam a Bíblia como documento. No tópico seguinte, porém, vamos apontar algumas limitações e apresentar abordagens complementares.

### **A Bíblia como literatura: as limitações dos métodos histórico-críticos**

Segundo Meier (1992, p. 169), “os critérios de historicidade normalmente levarão a julgamentos que são apenas mais ou menos prováveis; raramente se chega a uma certeza”. Ainda que sejam escolhidos métodos minuciosos, não é possível determinar exatamente o pensamento dos primeiros cristãos ou o quanto do que pensavam está refletido em seus textos. Importante é destacar que as conclusões dos estudos sobre os textos bíblicos derivam de induções, não de deduções (Charlesworth, 1992, p. 35). Para Charlesworth (1992, p. 43), “a pesquisa histórica é científica mediante um método crítico, mas não necessariamente mediante a conclusão”.

Os textos bíblicos não serão totalmente compreendidos nos dias de hoje. Logo, apenas de caso em caso, buscando semelhanças e associações com outros textos contemporâneos a eles e referências à estrutura do próprio texto, pode-se fugir dos atuais preconceitos que induzem a uma projeção da nossa forma atual de compreensão às maneiras de se experienciar a realidade dos tempos bíblicos (Berger, 2011, p.25-27). Como também aponta Pelletier (2006, p. 163),

Os textos bíblicos descobrem-se assim permeados de questões que muitas vezes antecipam as nossas, carregadas de uma inteligência que não é anacrônica simplesmente em razão da distância em relação aos nossos pensamentos, fechadas às vezes em posições interpretativas tornadas “prejulgamentos”, que devemos identificar e eventualmente

abandonar. A grande lição é certamente essa: não devemos acreditar muito depressa ter atingido as camadas profundas do sentido, em virtude de nossos conhecimentos críticos.

Assim, é necessário certo cuidado com conclusões derivadas dos nossos próprios métodos críticos, sem que esse cuidado resulte em uma desconfiança destrutiva e improdutiva. Afinal, “a reconstrução da tradição não é capaz de reproduzir o passado, mas ela o contém” (Santos, 2003, p.192). Nessa linha, podemos caminhar entre a confiança plena na possibilidade de reconstrução do passado e sua negação completa, “assumindo a crítica ao saber constituído como apenas uma advertência a ser incorporada” (Santos, 2003, p. 185). Seguindo o entendimento de Nogueira (2018, p. 24), ao contrário da historiografia tradicional, interessada em fatos e instituições, caminhamos entre o positivismo dos que acreditam ser possível reconstruir plenamente a mensagem da Bíblia Hebraica e do Novo Testamento e o pessimismo dos que não acreditam numa reconstrução, ainda que parcial, da história social e cultural a partir das fontes “fragmentárias e imaginativas” a que temos acesso. Logo, não tratamos aqui de uma rejeição da abordagem histórico-crítica, fundamental para qualquer pesquisa bíblica, mas da consciência de suas limitações e conclusões.

Ademais, como destaca Ginzburg (2007, p. 10) nas análises de Marc Bloch, ainda que desconfiemos dos dados concretos, a importância das fontes também se dá “pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos”, por exemplo, de Paulo e das primeiras comunidades cristãs. Nessa mesma direção está o conceito de “verossimilhança” retomado por Todorov (1970, p. 93), que não busca verdades históricas no texto, mas sua coerência com as convenções de seu tempo. Logo, sem preocupação com a demonstração histórica de fatos associados a Paulo ou aos cristianismos originários, “é mais importante saber se uma dada experiência pertence ao conjunto de formas de sua sociedade vivenciar a religião, se faz parte do seu contexto” (Nogueira, 2018, p.24). Nesse sentido, buscamos estimar um contexto histórico plausível para o pensamento dos cristãos originários, por exemplo.

Os métodos histórico-críticos, aos quais devemos o avanço dos estudos bíblicos dos últimos dois séculos, possuem limites que devem ser considerados. Herdeiros do paradigma iluminista, trabalham com categorias como “intenção do autor” ou “do redator”, aliados à historiografia positivista que enxerga o texto enquanto retrato de acontecimentos históricos, com pretensão de encontrar sua intenção original (Croatto,

1986, p.14). Como aponta Selvatici (2006, p.24), estes métodos partem “da noção de que o conhecimento histórico-crítico é imanente, deve buscar a imparcialidade e adota como objetivo, na análise dos textos, a reconstrução do contexto histórico no qual eles foram produzidos”.

Contudo, nas décadas de 1960 e 70, os trabalhos de Michel Foucault foram representativos de um pensamento questionador desse paradigma. Mesmo tendo assumido premissas estruturalistas, admitindo que há regras anteriores que embasam pensamentos e ações, propôs buscar o sentido do texto prioritariamente no próprio discurso e não em estruturas padronizadas e prévias, de difícil ou impossível mapeamento (Foucault, 2020, p.33). Na análise que se propôs, “as regras de formação têm seu lugar não na ‘mentalidade’ ou na consciência dos indivíduos, mas no próprio discurso” (Foucault, 2020, p.74).

Todavia, considerava ainda o texto como “preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede”, ligado a enunciados precedentes e subsequentes (Foucault, 2020, p.28), delineado em “um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual” (Foucault, 2020, p.120). Por exemplo, não se pode desligar os enunciados paulinos de seus textos contemporâneos, como os apocalípticos e helenísticos. Ao mesmo tempo, não se pode relacioná-los de maneira descuidada, mas respeitando a particularidade do texto analisado, procurando descontinuidades entre eles (Foucault, 2020, p.170).

A partir da década de 80, percebendo a necessidade de renovação dos métodos histórico-críticos, alguns autores buscaram atualizá-los com abordagens linguísticas e discursivas da segunda metade do século XX. Um deles é Klaus Berger, que “buscou intensamente dialogar com conceitos da teoria literária e da linguística, oferecendo novas perguntas aos textos, a partir de procedimentos inovadores” (Nogueira, 2019, p.298). Para ele, o método exegético deve combinar a crítica das formas ou gêneros literários com a pesquisa histórica, alinhado à proposta histórico-crítica. Contudo, como também aponta Nogueira (2019, p. 309), para investigar esses processos comunitários e populares de construção de sentido nos cristianismos originários – o que também pode ser aplicado a outros textos bíblicos –, deve-se também ter como objeto de estudo as memórias e as

estruturas narrativas dos textos. Uma das abordagens que se alinha a essa expectativa é a análise narrativa.

### **A análise narrativa aplicada aos textos bíblicos**

Como aponta Chartier (2020, p. 12), identificando a “brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem a ocupar o lugar desse passado”, devemos reconhecer a História como “uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção”. Fludernik (2009, p. 59) também entende que mesmo textos historiográficos guardam elementos de ficcionalidade, a partir do momento em que seus autores enfatizam determinados aspectos e constroem suas interpretações a partir de fontes ou métodos de pesquisa determinados. A essência da narrativa, para além da apresentação de uma série de eventos, é sempre a comunicação de uma experiência humana. Naturalmente, o mesmo se aplica aos textos bíblicos.

A distinção entre história e ficção já foi mais clara. Se esta última trata do real, não tem a pretensão de refleti-lo, nem de garanti-lo. A história, porém, pretenderia “dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é” (Chartier, 2020, p. 24). Todavia, mais recentemente, essa diferença se tornou menos nítida. O processo de escrita literária muitas vezes parte das mesmas fontes e técnicas da pesquisa histórica (Chartier, 2020, p. 26). Contudo, como indica Ginzburg (1999, p. 25), isso não implica necessariamente a negação da veracidade dos resultados da pesquisa histórica, se construída a partir de provas e controles. Afinal, “acham-se associados, e não opostos, conhecimento e relato, prova e retórica, saber crítico e narração” (Chartier, 2020, p. 16). No que se refere aos textos bíblicos, reconhecer o uso de práticas narrativas e estratégias literárias por seus autores é admitir que “oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas”, como aponta Burke (2008, p. 158) sobre as narrativas culturais. Não significa questionar a autoria, a autenticidade ou a veracidade dos episódios: daí a possibilidade de conjunção das abordagens histórico-críticas com as literárias.

A narratologia, enquanto ciência que estuda a narratividade e que tem como uma de suas abordagens a análise narrativa, reconhece a distinção entre a história contada e a maneira de se contar essa história. Se houve um conflito entre Paulo e os coríntios, e se os sacrifícios e êxtases de Paulo são importantes para ele, a forma e a ordem como tudo

isso é contado tem efeitos sobre seus alvos. Nesse sentido, a análise narrativa busca identificar os efeitos de sentido produzidos pela disposição da narração, assumindo que essa ordenação concretiza uma estratégia desenvolvida na direção do leitor.

Ademais, a análise narrativa aplicada aos textos bíblicos não se encontra isolada de outros tipos de análise, como a semiótica ou estrutural, a retórica e a própria histórico-crítica. Esta última, apresentada acima, que pergunta pelo acontecimento histórico, pelas condições em que o texto foi escrito, é importante recurso para seu entendimento. Somados a isso, nas últimas décadas, aspectos sociológicos e culturais, que levam em conta autores, leitores e seus contextos, têm sido considerados nas análises literárias.

O autor representa seu entendimento individual, sua subjetividade (Todorov, 2013, p.83), mas é também veículo de posições ideológicas (Fludernik, 2009, p. 13). Logo, suas representações não podem ser consideradas como um “reflexo” da realidade, pois guardam também expectativas e construções subjetivas (Burke, 2008, p. 100). A própria obra não tem uma existência independente, mas se integra “em um universo literário povoado pelas obras já existentes” (Todorov, 2011, p. 220), com as quais se relaciona. Como aponta Mikhail Bakhtin, várias vozes podem ser ouvidas em um texto, em seu caráter polifônico (Burke, 2008, p.72).

Também quanto ao leitor, a partir das contribuições da Nova História Cultural, podemos compreender que “uma leitura cultural das obras lembra que as formas como são lidas, ouvidas ou vistas também participam da construção de seu significado” (Chartier, 2020, p.36). Ou seja, a personalidade, a posição ideológica e a época do leitor influenciam sua interpretação do texto (Todorov, 2011, p.219)<sup>10</sup>. Logo, a narrativa, em sua forma última, “transcende seus conteúdos e suas formas propriamente narrativas” e “é tributária de uma ‘situação de narrativa’, conjunto de protocolos segundo os quais a narrativa é consumida” (Barthes, 2011, p.54), como também apontou Foucault (2020, p.28). Como veremos à frente, o autor da narrativa bíblica pressupõe um leitor ideal para seu texto, a quem se aplicam as considerações acima e para quem escolhe certa disposição

---

<sup>10</sup>Um exemplo célebre de História Cultural, que demonstra como a recepção de uma narrativa pode revelar aspectos profundos da cultura em que o leitor está inserido, é a obra *O Grande Massacre de Gatos*, do historiador americano Robert Darnton. Darnton investiga os motivos pelos quais trabalhadores parisienses do Antigo Regime consideravam tão cômico um relato sobre o massacre de gatos. A partir dessa análise, ele explora a mentalidade popular francesa daquele período histórico. Esse caso ilustra a importância de estudar não apenas os receptores e intérpretes de uma narrativa, mas também as estratégias narrativas empregadas pelo narrador para garantir sua aceitação e ressonância entre o público.

da narração com determinado objetivo: isso é o que a análise narrativa tenta encontrar. Em resumo, “a análise narrativa se orienta, prioritariamente, não pelo autor, nem pela mensagem, mas pelo leitor, considera o efeito da narrativa no leitor, leitora, e a maneira como o texto o faz cooperar no deciframento do sentido” (Marguerat; Bourquin, 2009, p.18).

Como descreve Fludernik (2009, p.2), mesmo que determinada narrativa tenha seu cerne, do qual não se pode abrir mão para que se mantenha a integridade da história, é importante reconhecer que há maneiras diferentes de se narrá-la, enfatizando alguns aspectos, minimizando outros, em acordo com a perspectiva do narrador. Nesse sentido, a partir da concepção dos formalistas russos, é possível destacar a distinção entre história, história contada ou fábula (*story, fable*), que é o cerne ou nível básico da narrativa, e trama, assunto, discurso ou composição narrativa, que é a reconstrução particular realizada por determinado autor ou mesmo pelo leitor, a partir de sua leitura da história (*plot level, fictional world*) (Fludernik, 2009, p.4; Todorov, 2013, p.61; Barthes, 2011, p.26; Marguerat; Bourquin, 2009, p.31). Como exemplo de reconstrução, Todorov (2013, p. 61) cita as inversões temporais, que, sem alterar a história, traduzem diferentes intenções do autor, como de suspense. Em um romance policial, saber quem cometeu determinado crime no início ou no fim da narrativa tem resultados bem diferentes, mesmo sem uma alteração na lógica da história e na relação entre os personagens. Logo, essa distinção entre história e discurso permite ainda que pontos de vista e intencionalidades do autor sejam estimados a partir da própria forma de se contar a história. Por exemplo, em 1Cor 15, talvez não seja por acaso que Paulo escolha a sequência “analogia com a semente” – “descrição dos tipos de corpos” – “comparação de Adão com Jesus” – “transformação dos indivíduos”. A ordenação poderia ser diferente. Em outro trecho paulino, a própria colocação da narrativa de uma experiência extática em 2Cor 12, logo após sua defesa das críticas dos coríntios, pode indicar certa estratégia de Paulo junto ao leitor implícito.

Para Barthes (2011, p.27), é possível distinguir no texto narrativo três níveis de descrição: o nível das funções ou unidades funcionais, o das ações e o da narração. Quanto ao primeiro, na análise estrutural da narrativa<sup>11</sup> é necessário definir as unidades narrativas

---

<sup>11</sup> Importante salientar que análise estrutural da narrativa e análise narrativa não são a mesma coisa. Ainda que importante para esta última, a análise estrutural da narrativa ou semiótica gravita em torno do texto, sem olhar para fora dele. Como apontam Marguerat e Bourquin (2009, p. 16), nessa abordagem “o texto é

mínimas, enquanto partes que se apresentem como termos de correlação entre níveis da história, que contenham uma significação por si só, daí receberem o nome de unidades funcionais (Barthes, 2011, p.28). Um conjunto de unidades narrativas ou micronarrativas compõe uma sequência, que, por si só, pode se tornar uma unidade que compõe uma outra sequência (Barthes, 2011, p.40-42). O já citado texto de 1Cor 15 é uma sequência de unidades narrativas ou micronarrativas que inclui, dentre outras, a analogia com a semente: “O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio” (1Cor 15:36-38). Esse trecho pode ser entendido independentemente das outras unidades, ainda que se relacione intrinsecamente com elas.

Quanto ao segundo nível de descrição, destaca Barthes (2011, p.45) que, mais que com sua essência psicológica, a preocupação maior da análise estrutural da narrativa até o momento tem sido com a participação dos personagens, com sua ação em determinada sequência. O ato da semeadura e seu paralelo com a morte (1Cor 15:36-38 e 42-44), bem como o processo de transformação apresentado por Paulo (1Cor 15:51-53), são centrais em seu discurso.

Contudo, funções e ações só podem ser definidas em relação ao discurso, onde encontram efetivamente sua significação. Logo, devem ser integradas no terceiro nível de descrição, o da narração (Barthes, 2011, p.48). Narrativa é a representação de um mundo possível, no qual os leitores são convidados a imergir para conhecer as experiências de protagonistas humanos ou antropomórficos em tempo e espaço determinados (Fludernik, 2009, p.6). Para sua definição, fundamental é a presença do narrador, nem sempre evidente, em seu processo de recontar eventos fictícios ou reais, unindo seu ponto de vista à história (Fludernik, 2009, p. 5). Uma das mais importantes conquistas da narratologia está na distinção entre autor e narrador (Fludernik, 2009, p.56), algo já apontado por Foucault (2020, p.112). Afinal, as crenças ou opiniões do narrador não necessariamente se identificam com as do autor, mesmo em textos aparentemente autobiográficos (Fludernik, 2009, p.58). Barthes (2011, p.50) vai além ao defender que, em verdade, “o autor (material) da narrativa não se pode confundir em nada com o narrador desta

---

lido como um sistema de signos, e é preciso compreender como é que eles se organizam em rede (...). O mundo a explorar não jaz por traz do texto; é o *mundo do texto* que deve ser percorrido”. Naturalmente, há muito diálogo entre essas duas abordagens.

narrativa”. Afinal, “um autor, com efeito, se objetiva em sua obra, não pela vida que leva fora dela, mas pela orientação que dá a seu texto” (Marguerat; Bourquin, 2009, p. 25).

### **Autor, narrador, narratário e leitor**

Como já apontado, em toda narrativa é possível distinguir duas camadas: a do mundo representado na história e aquela na qual essa representação se dá, ou seja, respectivamente, a do universo dos personagens, em que a história se desenrola, sem intervenção do narrador, e a do discurso narrativo ou trama, em que o narrador traz os eventos, sob seu ponto de vista, ao leitor (Fludernik, 2009, p.21; Todorov, 2013, p.59; Genette, 2011, p.272). Esse narrador pode comunicar suas próprias experiências (em primeira pessoa, participante efetivo da história), ou, de um olhar mais distante, descrever os eventos que envolvem os personagens a partir de sua perspectiva (Fludernik, 2009, p. 21). É ele quem apresenta o mundo ficcional, descreve os eventos, seus contextos sociais e suas causas, apresenta as motivações dos personagens, buscando despertar entre os leitores o interesse por eles, e imprime seus pontos de vista, eventualmente trazendo comentários metanarrativos (Fludernik, 2009, p. 27).

Narrativas podem ser contadas a partir da perspectiva do narrador, de um personagem ou de forma neutra ou impessoal. Importante é a distinção entre narrativas cuja história é filtrada através da consciência de um personagem (refletor) e narrativas contadas por alguém de fora da história (Fludernik, 2009, p. 37). Como resume Todorov (2013, p. 62), a caracterização da visão ou da perspectiva em uma narrativa deriva do “grau de transparência dos *eles* impessoais da história com relação ao *eu* do discurso”. Conforme entende Fludernik (2009, p. 36), um ponto de vista incorporado (*embodied*) vem de uma figura humana ou antropomórfica que interpreta o que vê, traz opiniões e fala de si mesma em sua narrativa. Por outro lado, um ponto de vista impessoal (*impersonal*) nada revela de si mesmo, mas busca neutralidade. A perspectiva de um nível externo ou extradiegético, seja de um narrador incorporado ou impessoal, é externa à história, o que pode colocá-lo ou não em posição de onisciência, que descreve até mesmo os estados psicológicos dos personagens. Para Todorov (2011, p.246), nesse caso, “vê através dos muros da casa tanto quanto através do crânio de seu herói”. Para Barthes (2011, p.49), “emite a história de um ponto de vista superior, o de Deus”. Já a perspectiva interna ou diegética pode vir de um narrador em primeira pessoa ou de um personagem

refletor, envolvido na história, com acesso limitado e subjetivo aos eventos e demais personagens (Fludernik, 2009, p.36). Por exemplo, em suas cartas aos coríntios, Paulo se aproxima desse tipo de narrador. Nesse caso, “o narrador sabe tanto quanto os personagens; não pode fornecer uma explicação dos acontecimentos antes de os personagens a terem encontrado” (Todorov, 2011, p.247). Todorov (2011, p.247) ainda aponta uma terceira possibilidade, do narrador que sabe menos que os demais personagens, “que é, pois, uma testemunha que não sabe nada e, mesmo mais, não quer saber nada”.

Conceitos também úteis são os de autor e leitor implícitos. Enquanto o leitor implícito é considerado como o alvo ideal do autor real do texto, no autor implícito o leitor real tenta identificar a intenção do texto (Fludernik, 2009, p.23-26). Segundo Marguerat e Bourquin (2009, p.25-27), o autor implícito é a “imagem do autor tal como se revela na obra por suas opções de escrita e pelo desdobramento da estratégia narrativa”, é o “princípio que inventou o narrador”, ainda que possa se confundir com ele. O leitor implícito é o “receptor da narrativa construído pelo texto e apto a atualizar as significações na perspectiva induzida pelo autor; essa imagem do leitor equivale ao leitorado imaginado pelo autor”. Este pode ser identificado com o narratário, pessoa imaginária a quem o narrador dirige sua narrativa, que pode ser um personagem ficcional ou não, implícito ou não no texto, mas que não participa efetivamente da história narrada.

Como exemplo, em 1Cor 15, Paulo é o narrador que conta o processo de semeadura e desenvolvimento da semente, mas que também descreve a diversidade de corpos existentes. É também o que busca nas Escrituras e na tradição memórias sobre Adão, em seguida dirigindo-se diretamente a seus interlocutores com uma revelação consoladora. Está inserido na história, na posição de alguém que sabe mais que seus leitores, não sobre os episódios em si, mas sobre seus significados teológicos. Ademais, enquanto narrador ou autor implícito, demonstra um comportamento específico, daquele que ensina, diferente do demonstrado em outros trechos: afinal, Paulo “não é o mesmo” em todos os momentos. Já os narratários ou leitores implícitos da carta, cristãos da comunidade de Corinto, são identificados como “insensato” (1Cor 15:36), no singular, e “irmãos” (1Cor 15:50), agora no plural. Por essa forma de tratamento, podemos suspeitar que o narrador, inicialmente duro perante a dúvida de seus interlocutores, termina o texto de forma mais branda, conciliatória.

Com base nos elementos mencionados, que exemplificam categorias utilizadas pela análise narrativa, consideramos essa abordagem de grande relevância para a pesquisa bíblica no campo da Ciência da Religião, complementando ou funcionando em paralelo à análise histórico-crítica.

### **Considerações finais**

Neste artigo, buscamos oferecer algumas contribuições para o(a) cientista da religião que trabalha com textos bíblicos em sua pesquisa acadêmica. Como uma disciplina acadêmica de caráter científico que tem a religião como principal objeto de estudo, a Ciência da Religião deve considerar em suas análises os textos sagrados, uma vez que, em muitas tradições religiosas, eles desempenham um papel crucial na formação doutrinária e teológica. Assim, o estudo dos textos sagrados, especialmente da Bíblia, que é o foco deste artigo, torna-se essencial para o campo da Ciência da Religião.

Para que esse estudo seja produtivo dentro da nossa área específica, destacamos a importância de metodologias críticas de pesquisa, visto que a Ciência da Religião adota uma abordagem laica, diferenciando-se da Teologia, que frequentemente parte do pressuposto da revelação divina em sua análise de textos sagrados. Nossa proposta analítica para a pesquisa bíblica na Ciência da Religião parte do entendimento do texto em seu contexto histórico de produção, bem como as estratégias narrativas usadas pelo autor para atingir seu público.

O método histórico-crítico e a análise narrativa, que foram as metodologias de pesquisa apresentadas neste trabalho, dialogam entre si de forma complementar. O método histórico-crítico busca examinar o texto em seu contexto de produção, enquanto a análise narrativa se propõe a entender as estratégias narrativas utilizadas por quem produziu o texto para impactar leitores e leitoras que originalmente receberiam o texto. Ambos os métodos compartilham uma preocupação com o aspecto humano dos textos e com a forma como eles se constituem como discursos sobre o sagrado, considerando as intenções históricas e narrativas do(s) autor(es). Ao considerarmos esses pontos, percebemos que tais métodos podem ser valiosos para o(a) cientista da religião que se dedica ao estudo dos textos bíblicos, proporcionando uma abordagem robusta e coerente dentro do campo da Ciência da Religião.

Dessa forma, retomamos as questões levantadas na introdução deste artigo, demonstrando que não apenas é possível, mas também necessário estudar a Bíblia, assim como outros textos sagrados, no campo da Ciência da Religião. Esse estudo deve ser conduzido a partir dos pressupostos fundamentais desta área do conhecimento, ou seja, com uma abordagem científica e laica, para garantir a qualidade e a objetividade da pesquisa acadêmica. Assim, a Ciência da Religião pode enriquecer os debates acadêmicos e religiosos sobre a Bíblia ao demonstrar que, embora esses textos sejam considerados sagrados por diversas tradições religiosas, eles são produtos humanos, condicionados por contextos históricos e construídos narrativamente.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. A. de A.; FUNARI, P. P. A. *Exegese Bíblica: vantagens, desvantagens, limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia*. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 1, p. 45–57, 2016. DOI: 10.18224/cam.v14i1.4823. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4823>. Acesso em: 18 out. 2024.

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

BARTHES, Roland. *Introdução à análise estrutural da narrativa*. In: BARTHES, Roland [et al.]. *Análise estrutural da narrativa*. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 19 a 62

BERGER, Klaus. *Psicologia histórica do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARMO, Matheus da Silva. *Usos da Bíblia Hebraica como documentação histórica: possibilidades e metodologias*. Revista Trilhas da História, v. 12, n. 24, p. 67-88, 2023.

CHARLESWORTH, James H. *Jesus dentro do Judaísmo: novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CROATTO, J. S. *Hermenêutica bíblica*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1986.

DA MATA, Sérgio. *História e Religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIETRICH, L. J.; SILVA, C. M. D. da. Religião, revelação, textos sagrados. *Revista Pistis & Praxis*, [S. l.], v. 13, n. 1, 2021. DOI: 10.7213/2175-1838.13.01.AO03. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27901>. Acesso em: 16 out. 2024.

FLUDERNIK, Monika. *An introduction to narratology*. Nova Iorque: Routledge, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 2020.

GENETTE, Gérard. *Fronteiras da narrativa*. In: BARTHES, Roland [et al.]. *Análise estrutural da narrativa*. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 265 a 284.

GINZBURG, Carlo. *History, rhetoric and proof. The Menahem Stern Jerusalem Lectures*. Londres: University Press of New England, 1999.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. 2ª ed., São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 143-179.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1988.

HIGUET, E. A. *Reformulação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo: aspectos históricos e epistemológicos*. Numen, [S.l.], v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21865>. Acesso em: 2 out. 2024.

HUFF JÚNIOR, A. Érico; PORTELLA, R. *Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos*. Numen, [S.l.], v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21847>. Acesso em: 2 out. 2024.

KESSLER, Rainer. *História social do Antigo Israel*. Paulinas: São Paulo, 2010.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, v. 1.

NA'AMAN, Nadav. *Does Archaeology Really Deserve the Status of a "High Court" in Biblical Historical Research?* In: BECKING, Bob; GRABBE, Lester L. (Eds.) *Between Evidence and Ideology*. Leiden: Brill, 2010, p. 165-183.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação*. In: *Estudos teológicos*, v. 59, n. 2, pp. 296 a 310, São Leopoldo: Faculdades EST, jul/dez, 2019.

PELLETIER, Anne-Marie. *Bíblia e hermenêutica hoje*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RIBEIRO, O. L. *Da função e do limite da exegese histórico-social indiciária*. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 3, p. 744–764, 2021. DOI: 10.18224/cam.v19i3.8823. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8823>. Acesso em: 2 out. 2024.

RODRIGUES, Elisa; NUNES, Iuri. *A imagem do Bom Pastor na arte cristã primitiva: uma abordagem sócio-histórica a partir das interações culturais*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 22, n2, jul./dez. 2019, p. 33-42.

RÖMER, Thomas. *A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHMITT, Flávio. *Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva*. Estudos Teológicos, v. 59, n. 2, p. 325-339, 2019.

SELVATICI, Mônica. *Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no Livro dos Atos dos Apóstolos*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2006.

SILVA, Daniel Salomão. *A construção da noção de divindade de Jesus: uma perspectiva baseada na interpretação de Mc 14:61-62, Mt 26:63-64 e Lc 22:67-70*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2022.

SILVA, Rosa Amélia Manassa da; ULRICH, Claudete Beise. *Textos Sagrados: Reflexões e aplicabilidade no direcionamento de formações continuadas para professores/as de Ensino Religioso*. UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões, v. 11, n. 2, 2023.

SMITH, Mark S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. São Paulo: Cultrix, 1970.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *As categorias da narrativa literária*. In: BARTHES, Roland [et al.]. *Análise estrutural da narrativa*. 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 218 a 264.



VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.